

PAISAGEM E SUSTENTABILIDADE: METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO RÁPIDA DE
IMPACTOS SÓCIO-AMBIENTAIS
EM MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ECOTURISMO.

Marcelo Teixeira Cesar de Oliveira
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
E-mail: marcelotco@usp.br

¹ Pesquisa em andamento. Orientadora: Profa. Dra. Sueli Angelo Furlan.

² Centro Universitário São Camilo, Professor Assistente I, Ipá Ti-uá Vivência Ambiental, Diretor-Presidente,
Rua Fradique Coutinho, 308, ap. 12 – CEP: 05416-000 – São Paulo – SP.

Paisagens, quero-as comigo.

Paisagens, quero-as comigo.

Paisagens, quadros que são...

Ondular louro do trigo,

Faróis de sóis que sigo,

Céu mau, juncos, solidão...

Umas pela mão de Deus,

Outras pelas mãos das fadas,

Outras por acasos meus,

Outras por lembranças dadas...

**Paisagens... Recordações,
Porque até o que se vê
Com primeiras impressões
Algures foi o que é,
No ciclo das sensações.**

**Paisagens... Enfim, o teor
Da que está aqui é a rua
Onde ao sol bom do torpor
Que na alma se me insinua
Não vejo nada melhor.**

(Fernando Pessoa)

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Propor uma metodologia transdisciplinar para o diagnóstico da implantação e gestão de meios de hospedagem em ecoturismo buscando o menor dano sócio-ambiental.

Objetivos Específicos

Desenvolver uma lista de verificação que permita a avaliação do empreendimento e que sirva de modelo para o desenvolvimento de melhores metodologias de análise.

Identificar e explicar a fundamentação teórico-empírica acerca da implantação e gestão de meios de hospedagem em ecoturismo;

Identificar metodologias existentes no que se refere à implantação e gestão de meios de hospedagem em ecoturismo;

Identificar problemas nas metodologias existentes de implantação e gestão de meios de hospedagem em ecoturismo;

Analisar as perspectivas metodológicas transdisciplinares existentes;

Indicar as etapas metodológicas, numa perspectiva transdisciplinar para os meios de hospedagem em ecoturismo.

HIPÓTESE PROPOSIÇÕES DA PESQUISA

A partir do referencial teórico e com base no domínio das experiências do pesquisador são as seguintes proposições teóricas e reflexões no tocante as lacunas, carências e hipóteses para o desenvolvimento da dissertação:

Analisando as abordagens conceituais de diferentes autores (FENNELL, 2002; DIAS, 2003, WEARING E NEIL, 2001), identifica-se uma insuficiência nas abordagens metodológicas do ecoturismo que sejam mais eficientes e abrangentes quando se trata dos processos ecológicos a que ações e empreendimentos ecoturísticos se pautam;

Existe a necessidade de um enfoque transdisciplinar na abordagem das questões em torno do ecoturismo, no sentido de melhorar o seu entendimento e do discernimento quanto as praticas e suportes ambientais que se utiliza.

A transdisciplinaridade em ecoturismo deve dialogar com as teorias e metodologias existentes para evitar o reducionismo de análises até então realizadas.

É pertinente ao ecoturismo uma discussão transdisciplinar no tocando ao que envolve seus princípios como norteadores das metodologias de avaliação existentes.

No sentido de avançar para a análise da avaliação para implantação e gestão de meios de hospedagem em ecoturismo, afirmamos nesta pesquisa que deve-se aplicar a metodologia transdisciplinar ao fenômeno ou sistema natural para estabelecer um método primário de aplicação que possa servir para uma possível crítica e avanço em avaliações da atividade.

Esta pesquisa parte então da identificação da carência de metodologias para avaliação de empreendimentos de ecoturismo. Acreditamos que o desenvolvimento de métodos de avaliação poderão contribuir para o avanço e aprofundamento deste campo teórico-prático que podem ser ampliados em benefício da sustentabilidade sócio-ambiental das atividades de ecoturismo;

Devido a carência de obras referentes a implantação e gestão de meios de hospedagem em ecoturismo, há necessidade de contribuir com o meio acadêmico em busca de uma nova abordagem.

QUESTÕES DA PESQUISA

A partir das reflexões e proposições as questões a investigar para serem no final refutadas ou confirmadas:

a) A transdisciplinaridade pode auxiliar na diagnóstico da implantação e gestão dos meios de hospedagem em ecoturismo?

b) É possível desenvolver uma metodologia para diagnóstico da implantação e gestão dos meios de hospedagem em ecoturismo, baseada no paradigma transdisciplinar?

A investigação pretende responder a estas perguntas e contribuir para a abertura de novas reflexões.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Diversas podem ser as abordagens em busca de elaborar uma metodologia em formato de “check list” (lista de verificação) para dar início ao estabelecimento de critérios que devem ser observados para a avaliação de meios de hospedagem em ecoturismo. Os impactos sobre a paisagem podem ser considerados desde questões relativas à alteração de aspectos físicos, ou configuração da paisagem, até aspectos que envolvem a percepção da paisagem, a paisagem cultural de uma região onde se pretende instalar um empreendimento. Aspectos físicos podem ser elencados em uma lista de verificação em busca de identificar parâmetros para monitorar e evitar, por exemplo: processos erosivos, perda de solo fértil, desmatamento, outros impactos sobre a flora, impactos sobre a fauna, fragmentações, barreiras para a fauna na limpeza da área nos acessos e para as instalações. A contribuição desta pesquisa será tentar aliar aspectos sociais e ambientais, de forma qualitativa e quantitativa na tentativa de construir parâmetros e indicadores para mensurar os danos e impactos dos empreendimentos na paisagem.

Tendências mundiais para a conservação da natureza

Como escopo teórico da pesquisa considera-se fundamental analisar as tendências para conservação da natureza, pois é disso que se trata quando discutimos a necessidade de parametrizar empreendimentos ecoturísticos. É com este intuito que consideramos esta explanação preliminar sobre tais tendências. Segundo diversos autores e mesmo empreendedores do setor de ecoturismo, essa atividade econômica deve necessariamente estar dentro de uma proposta de desenvolvimento sustentável de negócio. Barbier (1987) afirma que o “princípio do desenvolvimento sustentável assentasse em três pilares interdependentes que se reforçam mutuamente: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental, aos níveis nacional, regional e global”.

Em UNESCO (2006) citando “Our Common Future” da WCED de 1987 está:

“Desenvolvimento sustentável que atenda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades. [...] Esta definição considera que enquanto o desenvolvimento pode ser essencial para satisfazer as necessidades humanas e melhorar a qualidade de vida, que deve ocorrer de tal forma que a capacidade do ambiente

natural para satisfazer necessidades presentes e futuras não seja comprometida".

Estes preceitos influenciaram diretamente a concepção da construção de alguns meios de hospedagem em ecoturismo hoje em dia. Um Ecolodge de Costa Rica, norteia-se assim:

"A sustentabilidade, como um modelo de desenvolvimento, estabelece a necessidade de satisfazer as exigências da sociedade atual, sem o que torna impossível para as gerações futuras de satisfazer suas próprias. Basicamente, o desenvolvimento de um país não pode ser alcançado através da exploração desenfreada dos seus recursos - naturais, culturais, sociais - ao ponto de erradicar ou destruí-los e ao mesmo tempo buscando satisfazer as necessidades da população atual com alimentação, habitação, saúde e trabalho. Estes recursos existentes são os ativos potenciais que as futuras gerações dependem para satisfazer as suas necessidades (LAPA RIOS, 2006)".

Isto deriva das mudanças que ocorrem ao longo dos últimos 30 a 40 anos com relação as questões ambientais. Desde o encontro de Estocolmo em 1972 ao Rio-92 e todos os desdobramentos posteriores, as questões ambientais foram como que por capilaridade penetrando dentro de todas as atividades humanas e estão em pauta na discussão de vários aspectos da sociedade moderna. Levaram a elaboração da Agenda 21 ao repensar de diversas práticas e em várias delas há a busca de sustentabilidade para conciliar a conservação da natureza às práticas humanas. (ONU, 1972; ONU, 1992, UN, 1992)

Na década de 80 inicia-se um segmento que passou a crescer com várias denominações como ecoturismo, o turismo ambiental, turismo de natureza cujo objetivo era organizar viagens com grupos para o contato direto com as paisagens naturais, principalmente através de percursos a pé em trilhas por montanhas, florestas e também em atividades mais específicas de observação de fauna. Criou-se uma demanda grande e uma necessidade, entre outros equipamentos, de meios de hospedagem para alojar a população crescente principalmente das cidades grandes que buscou esta atividade (SWARBROOKE, 2000, RODRIGUES, 2003 e FURLAN, 2003).

Os acessos aos locais, o crescimento de alguns pólos pelo Brasil e pelo mundo, a implantação dos meios de hospedagem e outras necessidades para implantação e

IV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (SEPEGE)
Universidade de São Paulo, 10 e 11 de setembro de 2009
desenvolvimento da atividade criaram alterações nas paisagens naturais e também, sobre o ponto de vista social-cultural, na paisagem cultural que precisam ser analisadas.

Paisagens para o Ecoturismo

Santos (2002, 2006) analisou o significado do espaço para o homem e as marcas que testemunham esta história passada registrada espacialmente nas paisagens do presente. A dinâmica das alterações das paisagens que testemunham a história passada registrada espacialmente no presente. Este espaço para Carlos (1999) tem um papel fundamental no mundo moderno, pois cada vez mais passa a figurar como um elemento partícipe do processo de globalização, adquirindo, assim como outros elementos (cultura e música populares, arte, artesanato, religiões, etc.), o *status* de mercadoria. Um mercadoria que pode se transformar no produto do turismo, que adquire no homem moderno outros sentidos. Espaços que antes eram desocupadas ou que tinham uma utilização muito específica para a população local tem seu perfil modificado, entrando como meros objetos no novo processo de comercialização surgido a partir da atividade turística.

Dessa forma, o estudo de paisagens e sua conceituação para o estabelecimento de análises dos impactos ambientais de sociais em Ecoturismo é necessário mas apresenta diversas dificuldades e um grande desafio devido ao enorme leque de conceitos e escalas em diversos autores. Sobre o tratamento das questão dos aspectos físicos da paisagem temos em BOESCH e CAROL, (1968) alguns princípios do conceito de paisagem; em DELPOUX, (1974) os ecossistemas e a paisagem; em CONTI, (2001) a fisiologia da paisagem; em DIAMANTINO, (2003), as paisagens, lugares e espaços; em CLAVAL, (2004) o estabelecimento da paisagem dos geógrafos; em BERTRAND, (2007) o modelo dos geossistemas e as paisagens; em FORMAN e GODRON, (1986), TROPPEMAIR, (2000) e METZGER, (2009) a ecologia das paisagens.

Mas, o ecoturismo por se tratar não só de um “consumidor de paisagem” física mas também de “consumidor imaginário” também precisa do entendimento da paisagem cultural, da paisagem percebida e da abstrata. Encontramos então a paisagem e a memória em SCHAMA, (1996), a paisagem como fato cultural em MENESES, (2002), na interpretação das paisagens em MEINIG, (1979), na percepção, atitudes e valores do meio ambiente em TUAN, (1980) e através dos sentidos considerados como sistemas perceptivos GIBSON, (1950 e 1966).

Alguns autores estabeleceram ligações sobre a importância da paisagem para o turismo como YÁZIGI, (2002), outros como LIMA, (1998) focam no turista e suas percepções da paisagem nas oportunidades de se aventurar em trilhas interpretativas.

Alguns autores tem outra abordagem e analisam o impacto nocivo da atividade de turismo mais ligada ao vetores que impulsionam o consumismo através do crescimento do turismo de massa analisado em ou em CARLOS, (1996), CRUZ, (2002) e BOYER, (2003) que apresentam as paisagens artificiais criadas pelo turismo. SALINAS CHÁVEZ, (1998, 2005, 2006) aplica o estudo a paisagem para zoneamento e gestão em busca do desenvolvimento sustentável.

Dentre tantos enfoques sobre paisagem, qual adotar para o ecoturismo? Ao analisar os impactos sobre a paisagem em seu sentido mais amplo, teria o ecoturismo às mesmas pressões de vetores de crescimento do turismo de massa e o mesmo potencial de danos sociais e ambientais? Poderia ser interpretado da mesma forma?

Segundo Swarbrooke (2000), o ecoturismo se destaca como atividade econômica, realizada em pequena escala, de baixo impacto ambiental, orientada para áreas de significativa relevância natural e cultural. Quando alicerçado em práticas educacionais pode se tornar poderoso instrumento de educação ambiental, contribuindo assim para conservação da bio e sociodiversidade (RODRIGUES, 2003; FURLAN, 2003). Portanto, sob este ponto de vista, pode ser interpretado de forma diferente da indústria do turismo de massa.

De acordo com a Embratur/Ibama (1994) ecoturismo é “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”.

Dessa forma, talvez deva ser analisado de forma diferente e com capacidade de garantir a conservação dos ecossistemas e contribuir com as populações locais de seus destinos.

Ecoturismo

Segundo Ceballos-Lascuráin (1996) o ecoturismo, como componente essencial de um desenvolvimento sustentável, requer uma abordagem multidisciplinar, um planejamento cuidadoso (tanto físico como gerencial) e diretrizes e regulamentos rígidos, que garantam um funcionamento estável. Somente através de um sistema intersetorial, o ecoturismo poderá, de fato, alcançar seus objetivos.

O ecoturismo é uma atividade que deve buscar o desenvolvimento sustentável,

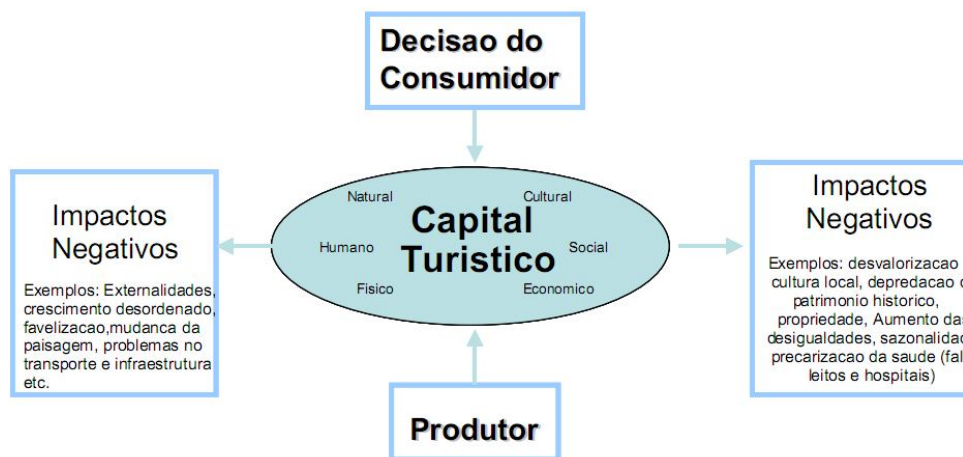
como afirma TIES (2006) no desempenho de uma prática de turismo responsável para áreas naturais que deve seguir princípios de minimizar o impacto; construir a consciência ambiental e cultural e respeito; fornecer experiências positivas para ambos os visitantes e anfitriões; fornecer benefícios financeiros diretos para a conservação; fornecer benefícios financeiros e capacitação da população local, aumentar a sensibilidade para os países de acolhimento "políticos, ambientais, climáticas e sociais; apoiar os direitos humanos internacionais e acordos trabalhistas".

Para Furlan (2003) o ecoturismo constitui prática de lazer associada à conservação da natureza, uma nova modalidade de uso do tempo livre, onde áreas mais próximas do natural estão sendo re-valorizadas pelos novos objetos desta atividade.

Na verdade, no momento em que se assiste a intensificação do ecoturismo, especialmente em áreas protegidas, os espaços naturais são paulatinamente transformados e modificados. O que se tem observado tanto em trabalhos de campo, como nos trabalhos científicos é predominância dos aspectos negativos frente aos positivos.

Na figura 1.1 Néri, (2005) alerta para aspectos perversos da atividade de turismo de massa que também devem ser pautados para na implantação do ecoturismo.

Figura 1.1: O mercado do turismo e alguns impactos negativos



Fonte: NÉRI, 2005

O principal órgão mundial de turismo é a OMT (Organização Mundial do Turismo), órgão ligado a ONU (Organização das Nações Unidas) elaborou algumas recomendações de boas práticas para o turismo (OMT, 1991). No Código de Ética Mundial para atividade no artigo 3º afirma ser "dever de todos os agentes envolvidos no desenvolvimento turístico, salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, na perspectiva de um crescimento econômico sadio, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer

equitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras” Mais adiante também trata da questão do uso dos recursos naturais afirmando que os empreendimentos “permitam economizar os recursos naturais raros e preciosos, principalmente a água e a energia” e que evitem a produção de dejetos”.

Orienta também para que as infra-estruturas e atividades turísticas devam ser concebidas em vista de proteger o patrimônio natural constituído pelos ecossistemas e a biodiversidade, e que sejam preservadas as espécies ameaçadas da fauna e da flora selvagens.

Além disso, Os agentes do desenvolvimento e os próprios turistas devem ter em conta as tradições e práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo as das minorias e populações autóctones, reconhecendo a sua riqueza (OMT, 2006).

A arquitetura ecológica no ecoturismo

Várias dessas recomendações e soluções foram sugeridos por Andersen (1991 p. 204, 205, 211 a 220), Caruana (1994), Abramsohn (2004) e Aquino (2005) Mac Farland (2006) e foram reunidas a seguir: implicações ambientais (aspectos econômicos da ecologia, uso da água, gasto de energia, fontes de energia sustentáveis, poluição por lixo, esgoto; programas de reciclagem; integração ambiental; importância da paisagem (suporte, uso de nativas, menor impacto na fauna, erosão do solo); instalações (escolha de materiais, locais, trilhas, tipo de material utilizado, aquisição de área e tratamento de resíduos); aumento da biodiversidade (projeto de pesquisa associado, depositário de fauna, apoio a repovoamento); medidas de prevenção, mitigatórias e compensatórias; veículos de aprendizado e compreensão (placas de identificação de flora, fauna e pratos regionais, sala de visitantes); circuitos específicos (observação de aves, hortas, interação sócio-cultural); mentalidade conservacionista; envolvimento do morador local (valores locais, mão-de-obra local, financeiro); nível de informação do empreendedor ou responsável pela instalação com relação ao ecoturismo mundial.

Para Andersen (2001) as “ instalações construídas dentro dos frágeis limites da natureza deve revelar um forte elo com os princípios de conservação, implícitos no ecoturismo e nos empreendimentos científicos e educacionais. A criação de códigos de ética ambiental e de critérios gerais para projetos em ecoturismo são passos positivos para garantir que essa sensibilidade esteja [...] presente”.

Além disso, alternativas devem ser apontadas usando-se da tendência mundial em busca de soluções tecnológicas para o não desperdício energético e de recursos naturais, reciclagem e materiais mais duráveis ou não poluentes. Foram pesquisadas também

diversas referências em arquitetura ecológica que apontam soluções de projeto para estes problemas em Andersen (1995 e 2001), Caruana (1994), Abramssohn (2004) e Aquino (2005).

Para Andersen (2001) muitas das instalações supostamente voltadas ao ecoturismo são grosseiras intromissões na paisagem. Ele defende que uma forma de solucionar isso é usar o *próprio* local como fonte de inspiração para o projeto de instalações ecoturísticas. As formas das plantas, das árvores e as formações geológicas em si são um rico acervo de estruturas arquitetônicas. Ele afirma que “para aproximar-se da natureza [...] é preciso abandonar as formas, as texturas e o aspecto dos produtos industrializados”.

Andersen (idem) destaca também que o projetista precisa observar o comportamento dos animais da área em questão, para que a disposição das construções não interrompa seus padrões de comportamento e habitat.

Dessa forma, busca minimizar os impactos das atividades de ecoturismo e aproximá-lo do conceito de sustentabilidade. Conceito esse que deve ser focado em diferentes dimensões, as quais demandam diretrizes específicas como as dimensões ambiental/ecológica, econômica, social, cultural e político-institucional. A abordagem requerida pela sustentabilidade é necessariamente integradora de todas essas dimensões, as quais devem ser enfocadas simultaneamente na implantação de todo e qualquer plano de ação. (BRASIL, MT, 2005).

Lista de verificação

A sugestão de lista de verificação para meios de hospedagem de ecoturismo a seguir está em processo de conceituação e elaboração e em busca de encontrar caminhos de avaliação destes empreendimentos. No Brasil muitos empreendimentos se autodenominam “ecológicos” e o propósito deste estudo é caminhar para testar esta metodologia quanto a essa premissa para avaliar os impactos sócio-ambientais dos mesmos. Diversos autores foram consultados para a elaboração de cada uma dos itens abaixo em vários campos do conhecimento como geografia, ecologia, arquitetura, economia. (anexo 2 – referências bibliográficas para o questionário)

O questionário tem a intenção de ser aplicado a partir dos seguintes passos:

PASSO 1 - DETERMINAR O ESCOPO DA AVALIAÇÃO

PASSO 2 - AVALIAR OS DADOS EXISTENTES

PASSO 3 - ADMINISTRAR O QUESTIONÁRIO

Garantir a precisão dos dados

Orientações para o questionário

PASSO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

Orientações para análise dos dados

PASSO 5 IDENTIFICAR OS PRÓXIMOS PASSOS E AS RECOMENDAÇÕES

Recomendações

**QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO RÁPIDA DE IMPACTOS SÓCIO-AMBIENTAIS
 EM MEIOS DE HOSPEDAGEM NO ECOTURISMO.**

SANEAMENTO AMBIENTAL				
s	p/s	p/n	N	Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) tecnologias apropriadas tratamento de água.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) tecnologias apropriadas tratamento de esgoto.
				c.) redução de consumo de água
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.) reuso de água
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.) captação de água de chuva
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f..) reciclagem
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.) compostagem
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	i.) sistemas de drenagem fluvial

s –sim p/s – predominantemente sim p/n – predominantemente não n – não

** no trabalho final constará embaixo de cada uma das tabelas de verificação um texto sobre o tópico a ser avaliado, esclarecendo o que deve ser observado. Por exemplo:*

d.) reuso de água

Reuso trata-se da reutilização da água utilizada nos equipamentos e dependências das instalações após tratamento adequado.

CONSTRUÇÃO				
s	p/s	p/n	n	Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) relevou aspectos de avaliação da toxicidade e de materiais e não-biodegradáveis?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) relevou aspectos de energia incorporada
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	c.) relevou aspectos de ecoeficiência
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.) faz uso de energias renováveis
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.) captação de água de chuva
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f..) relevou aspectos de durabilidade dos

IV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (SEPEGE)
Universidade de São Paulo, 10 e 11 de setembro de 2009

				materiais	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.) o isolamento térmico considerou o abandono de sistemas mecânicos de ventilação	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	h.) buscou um design mais integrada às paisagens. Ligação com a paisagem.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a instalação expressar as características particulares da área e de sua população	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	i.) Restauração do local e ações mitigatórias.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	j.) Considerou aspectos de fragilidade dos solos	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	As dimensões do projeto são apropriadas para a comunidade local e compatíveis com a capacidade de suporte do meio ambiente	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Apresenta um planejamento do desenvolvimento em etapas	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	As etapas de construção/implantação permitem uma perturbação mínima ao meio e as instalações já existentes	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	As estradas e trilhas já existentes estão dispostas de modo a minimizar os efeitos sobre o meio ambiente	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	O projeto da construção estimula o visitante a contemplar o mundo natural sob nova ótica	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	As instalações revelam alguma contradição em relação à meta de conservação do ecoturismo	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Espaços como biblioteca, laboratório ou outras oficinas experimentais estão preparados para instruir adequadamente os visitantes	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	As edificações e as áreas pavimentadas estão posicionadas de modo a evitar a erosão	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	A mobília e outros objetos dos alojamentos são compatíveis com parâmetros ambientais	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	k.) Manutenção	

FLORA NATIVA

s	p/s	p/n	n		Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) priorizou o uso de nativas no projeto	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) priorizou o não desmate	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	c.) priorizou ações de recuperação da área degradada	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.) houve levantamento botânico	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.) Tem controle de invasão de	

IV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (SEPEGE)
 Universidade de São Paulo, 10 e 11 de setembro de 2009

				plantas exóticas	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f.) Releva aspectos da importância sócio-econômica da biodiversidade local para a comunidade.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.) Análise de ameaças	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	i.) Prevenção de ameaças	

FAUNA NATIVA

s	p/s	p/n	n		Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) buscou um menor impacto da iluminação	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) cuidou dos acessos para evitar atropelamento	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	c.) cuidados com ruídos na construção e no funcionamento	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.) houve levantamento faunístico	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.) manejo da vida silvestre ou de habitat.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f.) Releva aspectos da importância sócio-econômica da biodiversidade local para a comunidade.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.) Análise de ameaças	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	i.) Prevenção de ameaças	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	j.) Considerou que as construções podem interromper os padrões de comportamento da fauna e seu habitat	

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

s	p/s	p/n	n		Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) tem programas que envolvam a comunidade do entorno	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) Divulgação e ações educacionais na comunidade.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	c.) tem atividades para os visitantes	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.) desenvolve atividades de observação de fauna	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.) tem material explicativo, folheto, livretos.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f.) controle de visitantes e turistas.	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.) Placas informativas	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	h.) circuitos específicos	

RESPONSABILIDADE SOCIAL				
s	p/s	p/n	n	Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) Gestão participativa/envolvimento da comunidade
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) Comércio justo
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	c.) Participação comunitária no funcionamento
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.) Capacitação e o desenvolvimento de recursos humanos.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.) As comunidades locais participam nas decisões pelas quais estão afetadas.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f.) A tomada de decisões no manejo é transparente.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.) Os funcionários da UC têm acesso regular à pesquisa e às orientações científicas recentes.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	h.) Monitoramento, supervisão e avaliação de funcionários.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Os membros da comunidade local participaram das atividades rotineiras o empreendimento?
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Os membros da comunidade local participam ativamente do planejamento e construção de instalações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	i.) Instalação para funcionários.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Melhoria de _____

ALIMENTAÇÃO				
s	p/s	p/n	n	Observações
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	a.) Culinária regional
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	b.) Adoção de produtos orgânicos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	c.) Prioriza o consumos de ingredientes – energia de transporte.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	d.)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	e.)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f.)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	g.)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	h.)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	i.)
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

A pesquisa encontra-se neste momento de construção das matrizes qualitativas transdisciplinares. Ainda serão muitas as dificuldades para encerrar a fase de definição dos “bons indicadores”. Faria e Carneiro (2001) apud Dias (2007) analisando fatores para definição de capacidade de carga tratam da subjetividade embutida no conceito e afirmam que a aplicação transforma-se em uma questão de seleção de valores mais do que uma questão técnica. Dessa forma, existirá ainda além da eleição de indicadores para finalizar a construção de matrizes o trabalho se afastar da subjetividade. Mesmo assim, a que se considere essas ponderações e restrições, o resultado final poderá ter grande relevância no desenvolvimento das atividades de ecoturismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMSOHN, Jennifer. “Arquitetura verde “made in Germany””. **DW-World.de Deutsche Welle** **11.08.2004** (consulta na internet <http://www.dw-world.de/dw/article/0,1564,1295583,00.html> em 29 de setembro de 2006).
- AQUINO, Renata. “**Arquitetura preocupada com a ecologia**” Universia Brasil 2005 (consulta em http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gccb.html em 29 de setembro de 2006).
- ANDERSEN, David. “Uma janela para o mundo natural: o projeto de instalações ecoturísticas” *In*: LINDBERG, Keg e HAWKINS. Donald E. (editores) **Ecoturismo: um guia de planejamento e gestão**. Senac, pp. 197-224, São Paulo, SP, 3a ed. 2001, (Trad. Leila Cristina de M. Darin).
- _____. “Planning the Ecologdge - Chapter 1” *In*: HAWKINS. Donald E. (editor). “**The Ecologdge Sourcebook for planners e developers**”. Senac, 1995, pp. 3-8, São Paulo, SP (brochura).
- BAIR, Alan. “Resources – Sample Resource Designs – Pacific Yurt” *In*: HAWKINS. Donald E. (editor). “**The Ecologdge Sourcebook for planners e developers**”. Senac, 1995, pp. 3-8, São Paulo, SP (brochura).
- BARBIER, E. “**The concept of sustainable economic development**”. *Environmental Conservation*. Vol. 14, no. 2, pp. 101-110. 1987 .
- CARUANA, Ricardo. “Critérios de arquitetura para o turismo ecológico no Brasil” *In* “**Manual dos Seminários Regionais - Oficinas de Capacitação em Ecoturismo**” The Ecoplanet Institute/Senac, 1994 pp 1-28. São Paulo, SP (brochura).
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A produção do não-lugar. P 103-129 *In*: YÁZIGI, Eduardo O Lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec. 1996
- CEBALLOS-LASCURAIN, H. **Tourism, Ecotourism and Protected Areas: the State of Nature-Based Tourism Around the World and Guidelines for its Development**. Gland/Cambridge: IUCN, 1996.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003. 208 p.
- FENNELL, D.A. **Ecoturismo – uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002. 281p.
- LAPA RIOS “Eco-Tourism and Lapa Rios: Goals and Action” **Lapa Rios Ecologdge**, Lapa Rios, Costa Rica (consulta na internet <http://www.laparios.com/lapgoal.htm> em 30 de setembro de 2006).
- SALINAS CHÁVEZ, Eduardo; OSORIO, José Alberto. Turismo y Sustentabilidad: De la Teoría a la Práctica en Cuba. **Cuadernos de Turismo**. Vol. 17 (2006), 201-221
- SALINAS CHÁVEZ, Eduardo; OSORIO, José Alberto. Turismo e desarrollo sostenible: el caso del centro histórico de la Habana- Cuba. **Pasos. Revista de Turismo e Patrimônio Cultural** vol 3 pags. 171-188, 2005
- MAC FARLAND, Craig. “**An analysis of nature tourism in the Galápagos Islands**”. *Articles/Publications*. Charles Darwin Foundation, Galápagos, Ecuador (consulta na internet <http://www.darwinfoundation.org/articles/br15049801.html> em 24 de setembro de 2006).
- OMT (Organização Mundial do Turismo). “**Código de Ética Mundial para o Turismo**”. OMT, 1999, Santiago, Chile. (consulta na internet http://www.world-tourism.org/code_ethics/sp/brochure.htm em 29 de setembro de 2006).
- ONU, Organização das Nações Unidas. **Declaração Sobre o Ambiente Humano**. Estocolmo 1972
- ONU, Organização das Nações Unidas. General Assembly. Development and **Internacional Economic Cooperation**: Environment. “Our Common Future”. Oslo, Suécia. 04/08/1987.

- IV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (SEPEGE)
 Universidade de São Paulo, 10 e 11 de setembro de 2009
- ONU, Organização das Nações Unidas RIO-92, Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro, 1992
- SWARBROOKE, J. **Turismo: Conceito e Impacto Ambiental**. São Paulo: Aleph, TIES, **The Internacional Ecotourism Society**, (consulta na internet <http://www.ecotourism.org/> em 26 de setembro de 2006).
- UN, United Nations. **AGENDA 21**. United Nations Conference on Environment & Development. Rio de Janeiro. 1992. 351 p.
- WEARING, Stephen; NEIL, John. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri, SP: Manole, 2001.

ANEXO 1 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO QUESTIONÁRIO

- AKATU, Instituto Akatu de Consumo Consciente, 2008.<http://www.akatu.org.br/>
- ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Projetando com bambus: consideração ao paradigmático e ao típico**. **Brasil Floresta**. n. 80, 2004, p. 37-49.
- ANDERSEN, David L. Planning the ecologdge. In: HAWKINS. Donald E.; WOOD, Megan Epler; BITTMAN, Sam. (Eds.). **The ecolodge sourcebook for planners e developers**. xx.ed. São Paulo: Senac, 1995. cap.1, p.3-8.
- BITTMAN, Sam (Ed.). **The ecolodge sourcebook for planners e developers**. 1.ed. São Paulo: Ecotourism Society, 1995. cap. 6, p. 107-108.
- BRASIL, Ministério das Cidades. MINISTÉRIO DAS CIDADES. Planejamento urbano, saneamento. 2006c. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/>>. Acesso em 21 nov. 2006.
- BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Manual de saneamento**. 3. ed. rev. - Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2004. 408 p. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/capitulo_1.pdf>
- CAMPBELL, Craig S.; Ogden, Michael H. **Constructed wetlands in the sustainable landscape**. New York: Wiley & Sons, 1999. 270p.
- CAMPS, Maho Bay. Resources – Ecotents. In: HAWKINS. Donald E.; WOOD, Megan Epler; BITTMAN, Sam. (Eds.). **The ecolodge sourcebook for planners e developers**. xx.ed. São Paulo: Senac, 1995. cap. x, p. 3-8.
- CANADA'S FIRST, NATIONAL PARK. **South Access to the Golden Gate Bridge**. Doyle Drive Proposed Sustainability Program November 9, 2006. Sustainability in.
- CEC, Commission of the European Communities. **Community eco-management and audit scheme (EMAS)**. REGULATION OF THE EUROPEAN PARLIAMENT AND OF THE COUNCIL. Brussels, 1993. 65 PP.
- CEC, Commission of the European Communities. **Libro verde**. Fomentar un marco europeo para la responsabilidad social de las empresas. Bruxelas. 2001. 35 pp.
- CHUN, Michael M. S. **Ecolodge case studies** In: HAWKINS. Donald E.; WOOD, Megan Epler; COFFIN, Alisa, Landscape and road network interactions: A proposal to study landscape and road network patterns in the Florida Panhandle. Department of Geography, University of Florida, Fall 2003.
- COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, **Compromisso empresarial para reciclagem**. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/>>. Acesso em 20 nov. 2006.
- CORMIER, N; PELLEGRINO, P. **Infra-estrutura Verde: uma estratégia paisagística para a água urbana**. Paisagem e Ambiente, São Paulo :
- DERISIO, J. C. **Introdução ao controle da poluição ambiental**. 3ed. São Paulo: CETESB, 2007. 192p.
- DIFD, Department for International Development. **Sustainable tourism and poverty elimination study**. Londres, Inglaterra. 1999. 99 pp.
- EFTA, European Fair Trade Association. **What is efta?** The Netherlands. 2008
- ELETROPAULO. **Dicas de economia de energia elétrica**. Disponível em: <http://www.eletropaulo.com.br/portal/page.cfm?Conteudo_ID=644&desc=Dicas%20de%20economia%20de%20energia%20el%C3%A9trica>. Acesso em 20 nov. 2006.
- ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. **Annual energy review 2005**. Energy perspectives Disponível em: <http://www.eia.doe.gov/emeu/aer/ep/ep_frame.html>. Acesso em 23 nov. 2006.
- ENGENHARIA & PROJETOS. **Manual de Saneamento**. Orientações técnicas. 2004. 39p. Disponível em <http://www.enge.com.br/manual_saneamento_ambiental.pdf>
- ERVIN, J. **Metodologia para Avaliação Rápida e a Priorização do Manejo de Unidades de Conservação - (RAPPAM)**. WWF. Gland, Suíça. 2003
- FALCON, Antoni. **Espacios verdes para una ciudad sostenible: Planificación, proyecto, mantenimiento y gestión**. Gustavo Gili., Barcelona. 2007
- FERNANDES., Ana Maria Vieira. **Políticas de desenvolvimento da atividade turística no distrito de Joaquim Egídio-Campinas/SP**: criação da associação gestora do turismo (Agenor) com a participação da comunidade receptora. II SAPIS, Seminário Áreas Protegidas e Inclusão Social. Rio de Janeiro, RJ. 2006. 5pp.

- FORMAN, Richard T.T; et al. **Road ecology: science and solutions**. Washington: Island Press, 2002. 509p.
- FUNDAÇÃO CHANDRA. **Canal Solidario, comunicación para el cambio social**. Madrid, Espanha. 2008. Disponível em http://www.canalsolidario.com/web/noticias/noticia/?id_noticia=7921
- GEISE, Carolyn; DUNPHY Kurt; FORD, HOGBEN, Janis Sandi and WADDELL, Greg. **Growing Vine, Revisited**. November 2004
- GREEN HOTELS, **Green Hotels Association** (consulta na internet <http://www.greenhotels.com/catalog/main.htm> em 03 de outubro de 2006).
- GREEN HOTELS, **Green Hotels Association** (consulta na internet <http://www.greenhotels.com/catalog/main.htm> em 03 de outubro de 2006).
- GRI, Global Reporting Initiative **The Amsterdam Global Conference on Sustainability and Transparency**. Amsterdam. 2008. 32 pp.
- HERNÁNDEZ PEZZI, Carlos, **Un Vitruvio ecologico. I principi e la pratica del progetto architettonico sostenibile**. Gustavo Gili. Barcelona. 1997.
- IDEC, **Instituto de Defesa do Consumidor**, 2008. <http://www.idec.org.br/>
- IFAT, International Federation of Alternative Trade. **What is Fair Trade?** Culemborg, Netherlands. 2008. http://www.ifat.org/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=11
- IFC, Internacional Finance Corporation. **Ecolodges, exploring oportunities for sustainable business**. Word Bank Group. Washington, Estados Unidos. 2004. 64 pp
- IILS, International Labour Organization, International Institute for Labour Studies. **Decent Work, as a coherent policy package. Income Inequalities in the Age of Financial Globalization**. World of Work Report 2008. Geneva, Suíça. 2008.
- ITR, Instituto de Turismo Responsável. **Certificación Biosphere Hotels**. Madrid Espana. 1999. <http://www.biospherehotels.org>
- JAEGER, Jochen. **Landscape fragmentation, due to transportation infrastructure, and urban development**, ETH Zurich, Switzerland, May 2004
- LONG, Robert. **Wildlife Monitoring: The I-90, Snoqualmie Pass East Project**. Western Transportation Institute, Montana State University
- MACEDO, Silvio Sores. Paisagem, litoral e formas de urbanização. In MMA; MPO. **Subsídios para um projeto de gestão (Projeto Orla)**. Brasília: MMA/MPO, 2004. p. 45-62.
- MACHADO, C. J. S. (org), **Gestão de águas doces**. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2004. 372p.
- MATHEUS, Fabrício Carpeta. **Capacidade de carga e manejo de visitantes. Trabalho de Conclusão de Curso**. ECA/USP. São Paulo. 2003
- MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer et al. **Gestão habitacional para uma arquitetura sustentável. Ambiente Construído**, v.5, n.3, p.49-61, 2005.
- MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda; IRVING, Marta de Azevedo. **Turismo de base comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turístico no Brasil - prainha do Canto Verde, Beberibe (CE)**. Instituto Virtual de Turismo. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 4, N° 4 (2004). Rio de Janeiro, RJ.
- MFPEP, Ministry of Finance, Planning and Economic Development. **Poverty Eradication Action Plan, PEAP (2004/5-2007/8)**. Kampala, Uganda. 2004. 286 pp.
- MIGUEL, Galina Rodríguez; DOMÍNGUEZ, Luisa de los Ángeles; BASTIDA, Eduardo López. **Evaluación de indicadores de turismo sostenible en instalaciones extrahoteleras**. Estudio de caso. 2007 <http://www.gestiopolis.com/otro/indicadores-de-turismo-sostenible.htm>
- MORAES, Danielle Serra de Lima & JORDÃO, Berenice Quinzani. **Degradação de recursos hídricos e seus efeitos sobre a saúde humana**. Revista de Saúde Pública. São Paulo, v.36, n.3, jun. 2002.
- MT, Ministério do Turismo. **Plano Nacional do Turismo**. Diretrizes, Metas e Programas. 2003 – 2007. Brasília, 2003.
- NUNES, E.R.M. **Metodologia para a gestão ambiental de bacia hidrográfica: um estudo de caso do plano diretor do programa pró-guaíba –RS**. xxx p. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Santa Catarina, cidade, ano. PPE de P., UFSC, SC, 2001. Ellem Regina Mayé Nunes
- OMT, Organización Mundial de Turismo. **Turismo y eliminación de la pobreza**. Conferencia Internacional de las Américas (CILA 2005). Punta Cana, República Dominicana. 2005. 9 pp. Disponível em www.see.gov.do/sitesee.net/mnu/Archivos/OMT_CILA2005.doc
- ONU, Organización de las Naciones Unidas. **Derechos económicos, sociales y culturales. Comisión de derechos humanos**. Geneva, Switzerland. 2003. 8 pp.
- OSLAND , Gregory E.; MACKOY Robert **Ecolodge Performance Goals and Evaluations. Journal of Ecotourism** in: Fennell, David (Brock University) Reviews Editor David Weaver (University of South California, USA) Volume 3, Number 2, 2004.
- PHILIPPI JR, A. (ed.) **Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável**. Barueri: Manole, 2005. 842p.
- PIRES, Maria Raquel Gomes Maia. **Politicidade do cuidado e processo de trabalho em saúde: conhecer para cuidar melhor, cuidar para confrontar, cuidar para emancipar**. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.1025-1035, out. dez. 2005.

- IV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (SEPEGE)
Universidade de São Paulo, 10 e 11 de setembro de 2009
- ROAF, Sue; FUENTES, Manuel; THOMAS, Stephanie **Ecohouse: A Casa Ambientalmente Sustentável**. 2 ed. . Porto Alegre, Bookman, 2006.
- SABESP. SABESP. **Saneamento Básico e Ambiental, economia de água**. Disponível em: <<http://www.sabesp.com.br>>. Acesso em 20 nov. 2006.
- SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Garamond. Rio de Janeiro. 2004. 151 p.
- SAI, Social Accountability International. **Responsabilidade Social 8000**. NEW YORK. 2001. 11 pp.
- SANCHO, Amparo (2005), **Turismo y desarrollo**. Universidad de Valencia. Disponível em: <http://www.turismoresponsable.net/pdf/Turismo%20y%20desarrollo.pdf>
- SIMÕES, E. et all. **A caminho do mar**. Um projeto de saneamento, educação e saúde no bairro do Cambury. São Paulo: Páginas e Letras/Instituto Florestal. 2006. 88p.
- SUZUKI, J.H.; MEDA, J. F. Eco-arquitetura: considerações para o incremento do turismo ecológico. **Terra e Cultura**. n.36, p.39-50, 2003.
- TELLES , D. D., COSTA, R.H.P.G. (coords). **Reúso da água: conceitos, teorias e práticas**. São Paulo: Blucher, 2007. 311p.
- TIBURCIO, Breno Aragão. VALENTE, Ana Lucia E. F. **O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos?** Estudo de caso em Território Kalunga (GO) Rev. Econ. Sociol. Rural vol.45 no.2 Brasília Apr./June 2007. 14 pp.
- URECI, Unidad de Recursos Europeos y Cooperación Internacional. **Documento estratégico, versão definitiva**. I Encuentro Internacional sobre Turismo Justo. Málaga , Espanha. 2006.
- VELOSO, Maísa. Adequação da arquitetura a climas quente e seco: o caso da arquitetura vernacular no sertão nordestino. In. **V ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO**. 1999. Fortaleza, CE. Disponível em: http://www.labee.ufsc.br/arquivos/publicacoes/ENCAC99_veloso.pdf. Acesso em: 15 jan.2009.
- VON SPERLING, Marcos. **Introdução a qualidade das águas e ao tratamento de esgotos**. 3.ed. Belo Horizonte: Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2005. 452 p.
- WATRIN, Vanessa; KOWALTOWSKI, Doris. Arquitetura autoconstruída e tradição. In: **ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO**. 2003 Nov 5-7. Curitiba, PR. p.90-97. Disponível em: http://www.fec.unicamp.br/~doris/pt/artigos/con_html/pdf/ENCAC2003_autoconstrucao_tradicao.pdf. Acesso em: 15 jan.2009.
- WHITE, Kevin D. , **Storm Water Management for Transportations Systems in the Coastal Environment**, University of South Alabama, 2007. disponível em
- WWF-Brasil. **Manual de ecoturismo de base comunitária ferramentas para um planejamento responsável**. Programa de Turismo e Meio Ambiente do WWF-Brasil. Brasília, DF. 2003. 16 pp.
- YEANG, Ken. Título: **Proyectar con la naturaleza. Bases ecológicas para el proyecto arquitectónico**. Barcelona. Gustavo Gili. 1999.